

## **RECESSÃO EM CURSO NO MERCADO INTERNACIONAL E EVIDÊNCIAS CLARAS DE PERDA DE COMPETITIVIDADE DO PRODUTO NACIONAL PREOCUPA EMPRESAS DO SETOR FLORESTAL**

A atual conjuntura do mercado brasileiro tem deixado perplexos os analistas, uma vez que este vem se apresentando de forma ambígua ou paradoxal. Ao mesmo tempo em que o mercado brasileiro deveria refletir os efeitos da recessão econômica que se abate sobre as maiores economias mundiais, reduzindo suas exportações, este, contraditoriamente, mostra resultados recordes no valor total dessas. Simultaneamente, o Brasil vem apresentando um aumento das importações de uma grande diversidade de produtos. Internamente, os rumos tomados pela economia não são menos contraditórios. Alguns segmentos crescem vertiginosamente, enquanto outros já sentem os efeitos de mudanças nos indicadores macroeconômicos, como a redução do crédito e o aumento da inflação, reduzindo a produção.

A perda da competitividade da indústria nacional é evidente para a maioria dos analistas e economistas em face de vários fatores, mas principalmente da pesada carga tributária e da taxa de câmbio (o real sobrevalorizado em relação ao dólar americano).

O cenário de redução do crescimento econômico dos Estados Unidos e da Europa, a especulação financeira internacional, a redução de estoques de produtos estratégicos, o desemprego e a redução de crédito no combate a inflação têm trazido fortes preocupações para a maioria das empresas brasileiras. O modo como essas variáveis irão evoluir determinará o melhor ou pior desempenho atual dos negócios florestais brasileiros.

A análise conjuntural do Centro de Inteligência em Florestas deste mês de setembro de 2011 aborda os movimentos e expectativas dos vários segmentos do setor florestal brasileiro, diante das turbulências externas e internas enfrentadas pela economia brasileira.

### **Segmento de Celulose e Papel**

Segundo executivos do segmento, as empresas de celulose e papel estão perdendo competitividade, pois atravessam dois tipos de pressão: a tributária e a da taxa de câmbio. Há também o problema de inflação, mas este não é visto como uma questão alarmante. Assim, o que se espera do Governo são ações que reduzam a taxa

de câmbio a um nível moderado e que promovam uma reforma tributária em curto prazo.

No que diz respeito às exportações brasileiras de celulose e papel, não houve nenhuma grande retração nos últimos meses. Dados do MDIC mostram que as exportações de celulose apresentaram um crescimento médio mensal de 2%, de abril a julho desse ano, e as exportações de papel reduziram 3,3% ao mês, em média.

A China está crescendo menos, mas ficou durante 20 anos crescendo muito. “É impossível manter esse ritmo”, segundo Antonio Maciel Neto, CEO da Suzano.

Por outro lado, o cenário de recessão dos Estados Unidos preocupa o segmento, assim como o cenário da Europa. No entanto, para a maioria dos executivos, o cenário global não é tão grave como o da crise de 2008.

Para Paulo Eduardo Brand, CEO da CENIBRA, há vários pontos negativos que podem empurrar o preço para baixo, sendo difícil prever - “porque não sabemos a evolução da economia européia e americana”. Segundo ele, o cenário não é otimista - “mas também não vejo um cenário catastrófico”, adiciona Brand (CeluloseOnline).

De abril a agosto deste ano, os preços da celulose em São Paulo apresentaram-se estáveis e o preço do papel *offset* em bobina e *cut size* tiveram uma redução de 0,2% e de 2%, respectivamente (CEPEA, 2011).

Para a BRACELPA, a principal preocupação é o crescimento das importações de papel no país e a provável existência de fraudes e concorrência desleal em parte dessas operações.

### **Segmento de Madeira Processada**

A ameaça da crise econômica que atinge os países ricos pode se alastrar pelo mundo e prejudicar as exportações de madeira processada. O resultado do PIB (Produto Interno Bruto) do segundo trimestre deste ano reforça o quadro atual de preocupação para o setor industrial, alerta a Confederação Nacional da Indústria (CNI). O PIB industrial cresceu somente 0,2% no segundo trimestre deste ano, frente ao trimestre anterior. A indústria de transformação ficou estável no período. A construção civil é que vem demonstrando um maior crescimento. Dados divulgados pelo Sindicato da Indústria da Construção no Estado de São Paulo (SINDUSCON-SP) demonstram que a construção civil deverá crescer 5% até o final de 2011. A forte demanda do setor ocorrida entre 2005 e 2010 provocou um aumento de 31% no PIB da construção civil. A tendência de que a construção civil continuará evoluindo se confirma a cada dia. Este fato é um bom sinal para o segmento industrial madeireiro, que tem plenas

condições de atender às grandes demandas com estruturas e componentes industrializados a partir de madeiras cultivadas e tratadas (Agência BOM DIA).

Em agosto, as exportações de madeira e derivados foram de US\$166.473 mil, representando um aumento de 16,7% em relação ao mês anterior. As importações foram de US\$19.933 mil, representando um aumento de 41% em relação ao mês anterior. Portanto, o saldo na balança comercial de agosto foi de US\$146.540 mil (aumento de 14% em relação a julho). Quando comparado com o mês de agosto do ano passado, as exportações, importações e o saldo da balança variaram -1,7%, 68% e -2,7%, respectivamente. Em 2011, de janeiro a agosto, a balança comercial acumulou um saldo de US\$1.150.494 mil, representando uma redução de 2,7%, quando comparada ao mesmo período do ano passado. Esses números indicam uma recuperação do ritmo de crescimento neste último mês, porém aquém dos resultados alcançados no ano de 2010 (Tabela 1).

Tabela 1 – Balança comercial brasileira para madeira e derivados (capítulo 44) de janeiro a agosto de 2010 e 2011, em 1.000 US\$

Mês	2011			2010			Variação % entre anos		
	Exportação	Importação	Saldo	Exportação	Importação	Saldo	Exp.	Imp.	Saldo
Jan	138.946	10.651	128.295	115.079	7.350	107.729	20,7	44,9	19,1
Fev	151.265	13.293	137.972	141.550	8.239	133.311	6,9	61,3	3,5
Mar	173.645	13.110	160.535	169.801	11.759	158.042	2,3	11,5	1,6
Abr	150.836	13.292	137.545	159.113	10.498	148.615	-5,2	26,6	-7,4
Mai	175.258	14.930	160.328	173.477	9.640	163.837	1,0	54,9	-2,1
Jun	164.813	14.045	150.767	159.807	11.912	147.895	3,1	17,9	1,9
Jul	142.604	14.092	128.512	177.307	12.179	165.128	-19,6	15,7	-22,2
Ago	166.473	19.933	146.540	169.309	11.841	157.468	-1,7	68,3	-6,9
Total	1.263.840	113.346	1.150.494	1.265.443	83.418	1.182.025	-0,1	35,9	-2,7

Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CI Florestas.

As exportações de madeira do Brasil para os países árabes cresceram 19%, de janeiro a julho deste ano, na comparação com o mesmo período do ano passado. Nos sete primeiros meses de 2011, as vendas do produto à região somaram US\$28,264 milhões, ante US\$23,752 milhões nos sete primeiros meses de 2010. “Isso se deve a um *boom* na construção civil destes países”, diz Jeziel de Oliveira, superintendente da Associação Brasileira da Indústria de Madeira Processada Mecanicamente (ABIMCI) - “enquanto houver esta alta na construção civil da região, o Brasil vai continuar exportando para lá”, afirma o executivo. Segundo Oliveira, os principais países

compradores são Arábia Saudita, Bahrein, Emirados Árabes Unidos e Iraque. O executivo diz que, com a crise financeira mundial de 2008, mercados tradicionais da madeira brasileira, como Estados Unidos e países da Europa, reduziram suas importações, fazendo com que os produtores nacionais tivessem que buscar novos mercados, como o mundo árabe, que tem comprado produtos como madeira compensada, pisos, lâminas, portas etc. Oliveira não acredita, no entanto, que as exportações para a região devam continuar crescendo até o final do ano - "a tendência é estabilizar. As vendas serão mantidas, mas não acredito que vá haver grandes pulos", afirma (Rede Brasil/Adaptado por CeluloseOnline).

Em agosto de 2011, alguns preços do metro cúbico de madeira serrada na Zona da Mata Mineira tiveram alta, a saber: Eucalipto (R\$1.100,00), Angelim Margoso (R\$1.831,00) e Sucupira (R\$1.935,00); alta de 10%, 5% e 0,4%, respectivamente. O preço do metro cúbico do Jatobá (R\$2.295,00) e Pinus (R\$800,00) se mantiveram estáveis (CIFlorestas).

Conforme discutido, o segmento de madeira processada, em agosto, recuperou o fôlego com o aumento das exportações (16,7%), mas prevê-se que com a crise haja uma redução das mesmas. Até o momento, tanto o mercado interno, como o mercado externo, tem mantido o ritmo de crescimento, garantido principalmente pela expansão da construção civil.

### **Segmento de Produtos Florestais Não Madeireiros**

No segmento de produtos florestais não madeireiros, o sistema de tributação e a política salarial vigente são considerados grandes entraves no momento. Para empresários do segmento, há necessidade de desoneração fiscal e de reformas previdenciária e trabalhista. O segmento enfrenta, ainda, outro grave problema: a carência de investimento em inovação tecnológica.

Além disso, atualmente, outras preocupações são o risco de queda dos preços, que afetaria a rentabilidade dos produtores, e a redução das exportações, pela retração do consumo nos principais mercados e, ou, pela desvantagem cambial resultante da valorização do real frente ao dólar.

De abril a julho desse ano, os preços da castanha-de-cajú no Ceará e do palmito no Espírito Santo tiveram um aumento médio de 6,5% e de 0,6%, respectivamente (CEASA/ES, 2011; CEASA/CE, 2011). Por sua vez, o preço da borracha natural reduziu 4,7% no mesmo período (APABOR, 2011).

Apesar da redução dos preços da borracha natural, estes ainda são os mais altos das últimas três décadas. O segmento produtor comemora, mas observa a evolução dos preços com certa apreensão, devido à atual situação econômica dos Estados Unidos, dos países da Europa e da China. Contudo, uma vez que a oferta de coágulo é restrita nesta época de entressafra, o produto deve manter-se sobrevalorizado.

De acordo com a Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (APABOR), o mercado internacional da borracha natural permanece estável. O mercado de futuros mostra uma tendência de manutenção dos preços nos patamares atuais nos próximos meses, pelo menos até o final de 2011 - "os sinais de desvalorização do real frente ao dólar gera expectativa de aumento do preço da borracha brasileira, diante da estabilização do mercado asiático", afirma Heiko Rossmann, diretor da associação.

Em relação à castanha-de-cajú e a castanha-do-brasil, houve um aumento das exportações nacionais de 9,7% e 9,2%, respectivamente, de abril a julho deste ano. No caso do palmito, as exportações brasileiras reduziram 3,8% nesse mesmo período, provavelmente, pela perda de competitividade do país na exportação desse produto.

### **Segmento moveleiro**

O setor moveleiro brasileiro, neste segundo semestre de 2011, apresenta um quadro geral preocupante em face das incertezas que têm marcado o comportamento da economia global. O setor tem apresentado resultados pontuais diversos e simultâneos - positivos e negativos; reflexos do que vem ocorrendo com a indústria nacional. Segundo IBGE, em junho de 2011, a produção industrial brasileira teve comportamento de queda de 1,6%, frente a maio. Já em julho, ela apresentou um comportamento de aumento - 0,5%, frente a junho. Tais resultados são corroborados pela análise de desempenho da Confederação Nacional da Indústria (CNI) para o mesmo mês.

Em agosto, o quadro de incertezas permanece. Segundo o gerente-executivo da Unidade de Política Econômica da CNI, Flávio Castelo Branco, o recuo no indicador do uso da capacidade instalada da indústria na análise dos indicadores usados pela confederação confirma um arrefecimento na atividade industrial nos últimos meses - "a tendência é de que essa desaceleração continue. Teremos um Natal menos favorável à indústria brasileira, com maior consumo de produtos importados", previu.

Embora as exportações brasileiras continuem batendo recordes no decorrer de 2011, e, em especial, em agosto, as exportações do setor moveleiro não estão tendo o

mesmo desempenho. Segundo dados do MDIC, apresentados na Tabela 2, de janeiro a agosto de 2011, embora crescentes, as exportações apresentam queda em todos os meses no comparativo com os mesmos meses de 2010, exceto em agosto, quando houve uma ligeira recuperação. No acumulado do ano, o Brasil exportou, aproximadamente, US\$ 300 milhões em móveis, um resultado 12% inferior ao obtido no mesmo período em 2010.

Tabela 2 - Exportações totais de móveis no período de janeiro a julho de 2010 e 2011 (Valores expressos em 1000US\$ FOB)

Meses	Total		Variação
	2010	2011	2011/2010
Jan	31.377	29.297	- 7%
Fev	40.670	37.020	- 9%
Mar	47.249	39.407	- 17%
Abr	44.017	35.796	- 19%
Mai	48.201	40.410	- 16%
Jun	42.312	41.611	- 2%
Jul	46.100	38.493	-16%
Ago	40.743	44.226	+ 8%
Total	340.669	300.393	- 12%

Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CI Florestas.

Em termos de importações de móveis, é interessante observar o que vem ocorrendo ao longo dos meses deste ano (Tabela 3). Praticamente inexpressivas no passado recente, em 2011, essas importações estão apresentando aumentos expressivos para todos os tipos de móveis. No comparativo com 2010, as importações de janeiro a agosto de 2011 se apresentam 115% maiores do que aquelas no mesmo período. Tal quadro vem revelando perda de competitividade da indústria moveleira nacional; fato este também constatado em outras indústrias brasileiras. A valorização da moeda brasileira tem sido um dos principais responsáveis por essa perda de competitividade.

Tabela 3 - Importações totais de móveis no período de janeiro a agosto de 2010 e 2011 (Valores expressos em 1000US\$ FOB)

Meses	Total		Varição
	2010	2011	2011/2010
Jan.	236	837	254%
Fev.	709	991	39%
Mar.	840	1386	64%
Abr.	432	533	23%
Mai.	578	1008	74%
Jun.	575	1069	85%
Jul.	625	1258	101%
agosto	821	3273	298%
Total	4816	10355	115%

Fonte: MDIC, elaborado pela equipe do CI Florestas.

Apesar de esboçar um quadro de desaceleração no seu crescimento, as recentes medidas de incentivo dadas pelo governo federal visando desonerar o setor de móveis, mais os investimentos em promoção e inovação, além do aquecimento da demanda interna, devem sustentar o crescimento do setor até o final do ano.

### **Equipe Técnica do Centro de Inteligência em Florestas**

Naisy Silva Soares – Economista, D.Sc. Ciência Florestal

Alberto Martins Rezende – Eng. Agrônomo, M.Sc. Economia Rural

Márcio Lopes da Silva – Eng. Florestal, D.Sc. Ciência Florestal

Altair Dias de Moura – Eng. Agrônomo, PhD. Agribusiness Management

\* Permitida a reprodução desde que citada a fonte.